



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**VÍVIAN BATISTA SOUZA**

**DR. HAMILTON MACIEL SILVA E A PSIQUIATRIA EM SERGIPE**

**SÃO CRISTÓVÃO-SE**

**2023**

## **Resumo**

O propósito desse artigo é discutir determinados caminhos da psiquiatria em conceitos trazidos por Michel Foucault na história clássica até a o cenário atual em Sergipe. Salientando nesses conceitos a figura de quem é reconhecido com preconceito como louco e os lugares onde os mesmos eram condenados a estarem. No Brasil houve desde o século XIX a problematização que gira em torno do “louco” foi o que iniciou a necessidade de novos parâmetros de tratamentos e recintos para as pessoas denominadas desse modo. A história de Sergipe nesse cenário passou por alterações relevantes e os anos 70 foram de grande destaque para o Estado com a criação da Clínica de Repouso São Marcello.

Palavras-chave: História da Loucura, Psiquiatria em Sergipe, José Hamilton Maciel Silva.

## **Abstract**

The purpose of this article is to discuss certain paths of psychiatry in concepts brought by Michel Foucault in the classical history to the current scenario in Sergipe. Highlighting in these concepts the figure of those who are recognized with prejudice as crazy and the places where they were condemned to be. In Brazil, since the 19th century, the problematization around the "crazy" was what started the need for new parameters of treatment and enclosures for the people named this way. The history of Sergipe in this scenario went through relevant changes and the 1970s were of great importance for the state with the creation of the Clínica de Repouso São Marcello.

Keywords: History of Madness, Psychiatry in Sergipe, José Hamilton Maciel Silva.

## **Apresentação**

O presente trabalho tem como seu principal objetivo retratar parte da história da loucura no cenário do Estado de Sergipe até a fundação da Clínica de Repouso São Marcello, evocando a memória da contribuição de grandes médicos atuantes na área da saúde mental e na compreensão dos principais problemas dos hospitais que antecedem sua fundação.

Os conceitos de loucura se modificaram seguindo o trajeto da institucionalização da medicina e a inserção da psiquiatria na vida social, escancarando a necessidade de uma evolução científica e farmacológica para a história dos denominados loucos e os tratamentos destinados aos mesmos.

O interesse pelo tema surgiu ainda no início da graduação ao participar como ouvinte de uma palestra sobre saúde mental, feita pelo departamento de história em conjunto com o departamento de psicologia da universidade federal de Sergipe. Nessa determinada palestra se discutiu como o hospital psiquiátrico traçando uma linha de sua fundação ao seu crescimento, até se tornar um reconhecido agente para fins médicos de fato representava parte apenas de um dos lugares marginalizados das cidades, assim como os asilos e manicômios, sendo um espaço destinado a todas as pessoas que eram caracterizadas por imorais ou irracionais sem que fosse feito qualquer tipo de análise de caso.

O adjetivo utilizado para a descrição de um indivíduo como "louco" tem seu peso devido a esse aporte característico de ser sempre um sujeito perigoso, danoso, sem limites, violento e culpado por todos os seus atos, uma vez condenados todos merecem apenas um fim, o cerceamento de suas liberdades pois a liberdade desse indivíduo é determinada como maléfica.

As referências desse trabalho de conclusão de curso foram os livros de Michel Foucault: *Microfísica do Poder* e *História da Loucura*, que traçam o papel de reconhecimento dos arquétipos sobre a denominação das doenças mentais, a visão a respeito daqueles que eram denominados como loucos e tratamentos dado a uma classe que foi homogeneizada com a finalidade do esquecimento por parte do Estado.

Os artigos utilizados trazem a compreensão do caminho da psiquiatria no Brasil, destacando alguns médicos que foram essenciais para a humanização do trabalho do médico psiquiatra e os espaços que os mesmos atuavam, frente a necessidade de renovação e ampliação das práticas de políticas públicas pois elas foram responsáveis pelo desmonte de casas de misericórdia, hospitais, asilos e manicômios.

A primeira parte deste trabalho é uma síntese dos princípios da compreensão da loucura, dos espaços destinados aos loucos, pobres, doentes mentais e a gestão vigente de qual era a utilidade da internação. Demonstrando partes sobre a história dos hospitais, hospícios, asilos, manicômios ou casas de misericórdia, podemos também ao longo do capítulo entender como a iniciativa pública da criação desses espaços pensados em formular políticas públicas falharam no Brasil e em nosso Estado pela má gestão ou falta de humanização para com os pacientes. Vamos observar quais foram os principais tratamentos feitos pelos psiquiatras desde a fundação do primeiro hospital colônia de Sergipe e seus frutos para as construções seguintes.

A segunda, traz luz a história de vida de um dos médicos mais atuantes e de destaque na história de Sergipe desde a década de 70, José Hamilton Maciel Silva. Traçando sua trajetória e principais desafios desde seu nascimento até de fato se mudar para Aracaju. A terceira e última parte descreve a história de uma das principais realizações da vida de Hamilton Maciel, a fundação da Clínica de Repouso São Marcello. Neste capítulo podemos observar os caminhos até a concretização do projeto da clínica, analisando sua estrutura, colaboradores e serviços prestados.

## **1- A história da psiquiatria e o cenário sergipano**

Dentre as dificuldades enfrentadas na história da medicina, a historiografia de um determinado grupo majoritariamente restrito a ser lembrado unicamente por aqueles quem os cuidava é algo que merece a devida atenção e espaço de memória em nosso tempo presente. A saúde mental foi um assunto mantido no esquecimento ou no apagar dos séculos, quando compreendemos os avanços que a medicina psiquiátrica galgou somos ligados diretamente a história de um grupo alienado, políticas de resoluções, cerceamentos de liberdades e ainda assim revoluções em cenários sociais.

Um grande filósofo, historiador, professor e escritor sobre o entendimento da loucura foi Michel Foucault, ao delinear o saber sobre o que se caracteriza a loucura, quem são os loucos ou mesmo onde deveriam ficar, aborda como há a necessidade de dar significado para além dos conceitos de “doenças mentais” pois, esse olhar é fruto de uma humanização conquistada somente com a inserção da medicina nos espaços utilizados para internações e medicalização, abrangendo as mudanças de como deveriam ser tratados aqueles que podiam ser denominados como alienados.

Os aspectos a serem observados no que tange a história clássica, é que antes do domínio da patológica da loucura, Foucault traça um uma espécie de linha cronológica no entendimento da funcionalidade social a despeito dessa incógnita. O exemplo mais marcante e que se alastrou até os encargos da luta antimanicomial na contemporaneidade é que o acesso a uma instituição de resguardo dos indivíduos alienados não representava propriamente uma cura e sim uma maneira de recolher essas pessoas das cidades e do seu convívio conseqüentemente, sendo afastados por uma perspectiva de oferecimento de perigo.

A loucura, no devir de sua realidade histórica, torna possível, em dado momento, um conhecimento da alienação num estilo de positividade que a delimita como doença mental; mas não é este conhecimento que forma a verdade desta história, animando-a secretamente desde sua origem. E se, durante algum tempo, podemos acreditar que essa história se concluía nele, é por não ter reconhecido nunca que a loucura, como domínio de experiência, se esgotava no conhecimento médico ou paramédico que dela se podia extrair. No entanto, o próprio fato do internamento poderia servir como prova disso” FOUCAULT, 2005, p. 119

A identificação da história da loucura perante o reconhecimento de quem ou quais instituições seriam responsáveis pelo recolhimento e cuidados devidos com os loucos, na verdade trouxe uma série de junções nessa funcionalidade entre Estado, Igreja e Sociedade. Os espaços denominados para tais indivíduos eram os asilos, leprosários, manicômios e hospitais, as clínicas surgem somente depois. Ambos os espaços com intuito de dominação, de vigilância e até mesmo de cumprimento de caridade ao abranger o espectro de entendimento em que toda essa conscientização não passava de uma política higienista, onde se tornava possível ajuntar todos aqueles que viviam à margem da sociedade em apenas um lugar, independente de qual fosse o problema que os acometesse.

O saber médico e a institucionalização do espaço do hospital como lugar de tratamento e a contratação de médicos, é que vai ser parte do que trouxe luz às questões onde a loucura era homogeneizada a quaisquer outros problemas enfrentados pelos indivíduos, havendo uma necessidade de separação e de atribuições do Estado ao realocar seus cidadãos para seus devidos espaços, estendendo a responsabilidade para a sociedade que tanto temia ou rejeitava aqueles que eram denominados como loucos. “O hospital deixa de ser uma simples figura arquitetônica. Ele agora faz parte de um fato médico-hospitalar que se deve estudar como são estudados os climas, as doenças etc.” FOUCAULT, 2017, p. 172

No cenário brasileiro a construção do saber psiquiátrico carrega consigo nuances de lutas, avanços e infelizmente descaso governamental para os que dependiam dos serviços médicos e para aqueles de alguma forma faziam parte daquele cenário de aprisionamento sem necessariamente possuir algum transtorno.

O primeiro espaço denominado como hospício foi o Hospício Pedro II, fundado no Rio de Janeiro em 1852 e as críticas sobre a instituição partiam diretamente de que havia uma legitimidade em ser um espaço de caridade, pois sua gestão e funcionalidade não contava com assistência médica.

Uma das maiores revoluções feitas no primeiro momento do século seguinte, foi trazida pelo médico Juliano Moreira, sua história de militância contra o racismo e sua formação foram inspiração para os médicos psiquiatras que viriam após ele. Atuou no Asilo São João de Deus (BA), publicou trabalhos e ministrou cursos na Alemanha, França, Inglaterra, Escócia, Bélgica, Holanda, Itália e Suíça referentes às doenças mentais e seus principais obstáculos.

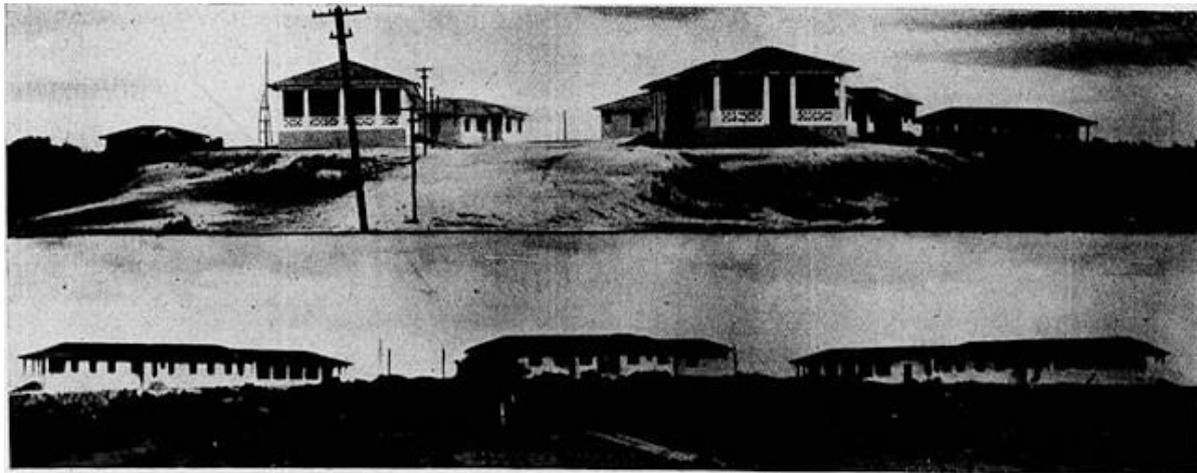


Foto do arquivo do pesquisador Etevaldo Amorim, disponível em <http://blogdesamarone.blogspot.com/2016/05/primeiro-hospital-psiquiatrico-de.html>

Sua análise intencionalmente humanizada identifica a necessidade da criação de novos métodos e assistência aos doentes mentais. Juliano Moreira foi responsável pela inovação de estudos na medicina e apontado também como um dos introdutores aos ensaios de pensamento para a psicanálise no Brasil, na gestão de Oswaldo Cruz indica a aprovação de um decreto de assistência em prol dos alienados, decreto 1.132 (1903) e fundou a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Afins (1905).

A construção dessas políticas públicas gerou avanços para a apropriação de espaços mais abertos para tratamentos desses doentes mentais e a possibilidade de uma participação familiar na busca dos devidos tratamentos e reinserção social, se popularizando a fundação de colônias na década de 20, porém nos anos seguintes, a década de 30 ainda foi marcada por muitos embates políticos e problematização sobre as políticas higienistas. Na década de 40 para melhor gestão de recursos e divisões de investimento para os estados do Brasil, Adauto Botelho assume o Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), estruturado pelo Ministério da Educação e Saúde, decreto-lei 3.171 (1941) e dentro desse serviço acontece uma revisão de quais eram os estados menos assistidos por políticas de tratamento aos seus alienados, Sergipe estava então nessa lista.

O cenário da psiquiatria muda para Sergipe, nessa mesma década descrita como uma melhoria de redistribuição de recursos. Surge para nosso Estado a figura de Eronides Carvalho, interventor do Estado que funda o primeiro hospital psiquiátrico de Sergipe- Colônia Eronides Carvalho, que tinha como objetivo principal melhorias para os doentes mentais e a retirada daqueles doentes que viviam em péssima situação em presídios no ano de 1941. O hospital foi fundado especificamente no povoado Sobrado em Socorro.

Sua estrutura contava com os seguintes pavilhões: Nina Rodrigues, que era destinado às mulheres que estivessem em condições calmas; Enjolras Vampré, destinado aos homens em condições calmas; Gildo Neto, espaço utilizado como cozinha, refeitório e lavanderia; Eugen Bleuler, pavilhão para pacientes agitados do sexo feminino e também estruturado com quartos individuais; Sigmund Freud, lugar utilizado para pacientes agitados masculinos; Juliano Moreira, pavilhão dividido para os pacientes que contribuía com o hospital, usado para a administração, um apartamento para a residência do Dr. Luiz Cerqueira e sua família pela necessidade de hospedagem devido à distância da capital. As instalações contavam também com um laboratório, farmácia, biblioteca, atendimento dentário, de otorrinolaringologia, sala para pequenas cirurgias e almoxarifado.

A modificação de uma mentalidade social para com um problema ignorado e esquecido traz aos sergipanos um olhar de como o tratamento psiquiátrico poderia ser de maior inserção, não tão somente do enclausuramento daqueles que eram excluídos, mas outrora de sua participação ativa nos espaços de tratamento, com a nova abertura de que havia a uma carência não tão somente em medicar as pessoas e sim de reestruturar as mesmas.

Em Aracaju, ocorre em outubro de 1940 o II Congresso da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste, e um dos avanços do papel de identificação das patologias veio conforme as aplicações de estudos e novos métodos provenientes de congressos de psiquiatria como esse, em detrimento do compartilhamento de saberes, fazendo substituição de tratamentos dos modelos mais antigos e perigosos para a vida dos internados. Se observa a inserção principalmente da convulsoterapia, insulino-terapia, eletroterapia e a inserção de terapias ocupacionais.

Porém, o caminhar da renovação não caberia mais nas paredes esquecidas do Hospital Colônia Eronides Carvalho, havendo então a ascensão de uma nova figura, o psiquiatra Garcia Moreno que mais tarde seria responsável por uma nova fundação junto ao governo de Sergipe. Garcia Moreno que ficou gravado na história do nosso Estado como um grande contribuinte para a saúde, atuante com Eronides Carvalho, e iluminados pela perspectiva do médico Ulysses Pernambucano, a visita aos hospitais psiquiátricos do Rio de Janeiro e de Paris serviram então para uma nova criação, havendo assim a abertura do Hospital Aduato Botelho, em 1951.

Seu reconhecimento a nível público se caracteriza pelo estigma de ser denominado o novo hospital colônia, já que seu surgimento engloba a transferência dos internos da Colônia Eronides Carvalho, porém mesmo com a mudança de espaços o ambiente ainda assim continuava insalubre, pois se não havia um controle de quem ocuparia os espaços o resultado seria a superlotação e as condições desumanas de abandono vividas constantemente por quem ocupava os leitos públicos, a descrição da falta de higiene pessoal, limpeza de “quartos”, propagação de doenças de seus mais variados gêneros, péssima alimentação e entre outros horrores, são os relatos de pessoas que atuaram trabalhando no Aduato Botelho ou de antigos pacientes.

Na volta de Franco uma solução para as enchentes nas cidades ribeirinhas

## Secretário compara hospital a um campo de concentração

Afirmando que a atual situação do Hospital Psiquiátrico Aduato Botelho é mais desumana que as dos «extintos campos de concentração nazistas», o secretário da Saúde, José Machado de Souza, informou que já convidou o governador Augusto Franco para uma visita ao Aduato Botelho, «para que ele sinta de perto a situação. Informou ainda que pretende colocar o Centro Psiquiátrico Garcia Moreno em funcionamento o mais rapidamente possível. Sobre a distribuição gratuita de anticoncepcionais que deverá ser feita pelo Ministério da Saúde, o secretário

José Machado de Souza manifestou-se contrário à medida, se ela for feita indiscriminadamente. «Mas, se ela for dirigida apenas à classe pobre, estaremos dando um passo para diminuir o índice de mortalidade infantil, controlando a natalidade». O secretário da Saúde mostrou-se preocupado também com a falta de educação sanitária da classe mais pobre, explicando que a cada dia aumenta o número de vítimas da esquistossomose, já tendo, em algumas regiões de Sergipe, um índice de até 90 por cento de contaminação. (Página 2)

A busca de soluções vigentes para nosso Estado foi um motivo importante para o surgimento de um seguimento do âmbito privado na saúde e suas renovações, já que o investimento de sua infraestrutura, da composição do quadro de médicos e demais trabalhadores, abertura de leitos e tratamentos mais práticos era de iniciativa privada. Foi fundada então a Casa de Saúde Santa Maria em 1962.

A reforma psiquiátrica e a luta antimanicomial na década de 70 tinham a intenção de se tornar nítido o quanto loucos, infratores, pobres e toda sorte de pessoas aprisionadas nos hospitais psiquiátricos não eram tratadas devidamente como deveriam ser, o louco não recebia sua devida atenção, os infratores não eram projetados a sua reinserção social, os pobres não tinham destino senão as ruas e a violência, ou seja, a visão de pensadores como Franco Basaglia, Paulo Amarante e Antonio Lancetti era de que existia um querer de seguir exemplos de outros países, mas o que seria correto a se fazer era a observação da subjetividade de nossa história. Porém, sem um investimento e uma renovação dos conceitos o Brasil não poderia avançar e o processo partidário que essa luta toma se torna algo a ser questionado.

Em 1979, há a inserção de mais um hospital público, sendo esse o Hospital Garcia Moreno com a proposta de ser uma comunidade de terapia, porém assim como as duas outras instituições públicas anteriores, a representação de seu planejamento de infraestrutura era de um ambiente fechado. Nesse mesmo ano em julho, a abertura da Clínica de Repouso São Marcelo, projetada e sonhada pelo médico psiquiatra Hamilton Maciel.

## **2- De pão-de-Açúcar a Aracajú: José Hamilton Maciel da Silva**

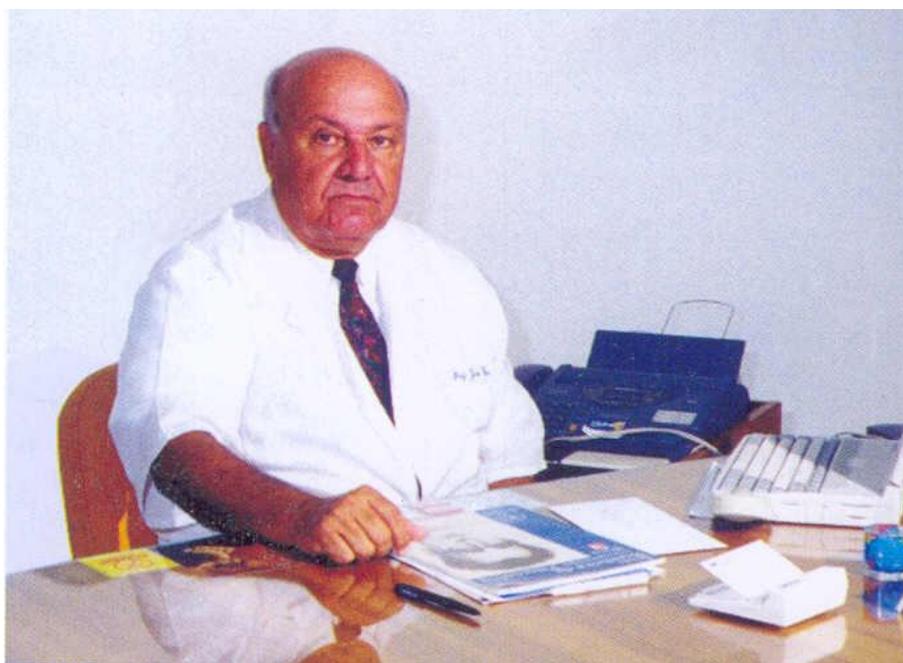
Na cidade de Pão-de-açúcar, às margens do Rio São Francisco no sertão de Alagoas nasceu em 22 de outubro de 1940 José Hamilton Maciel Silva, filho de Milton Gonzaga da Silva e Albertina Maciel Silva. Em plena segunda guerra mundial Hamilton nasceu sem a presença de seu pai naquele momento específico, pois era servidor público e estava aquartelado já em Alagoas servindo naquele momento à pátria. Com a ajuda de uma parteira nasceu em casa, como era de costume na época e sua mãe, dona Albertina devido as complicações de sequelas do acometimento de uma febre tifoide precisou contratar uma mãe de leite para seu primogênito Hamilton.

Os exemplos deixados por seus pais são de dedicação à família e para o bem da mesma, Milton Gonzaga era servidor público e atuava em um seguimento de enfermagem, sempre que podia Hamilton acompanhava seu pai em seu ofício e desse modo o interesse pela área de servir

na medicina tem em grande parte suas raízes desses momentos. Já dona Albertina era caprichosa em cuidar de seus filhos com muito amor e atenção ao seu lar, descrita também como uma cozinheira com mãos afetuosas.

As lembranças de uma infância em Pão-de-açúcar são trazidas com muito afeto e vividas não tão somente por José Hamilton, mas sim, por mais sete irmãos e logo após seu nascimento houve o falecimento de dois irmãos recém-nascidos, que tão solenemente são lembrados. A importância da educação desde cedo foi algo primordial para seu Milton e dona Albertina, que mesmo sem formação alguma sonhavam com o melhor para seus filhos, para que tivessem a possibilidade de formar ou seguirem as escolhas de seus caminhos em honestidade.

O ensino primário de Hamilton foi realizado no Grupo Escolar Bráulio Cavalcante, pensando em um melhor aprimoramento também era auxiliado por uma professora particular. As memórias pelos seus docentes carregam um traço sincero de gratidão, mas em especial há o destaque para duas professoras que fizeram parte desse momento inicial, sendo elas a professora Encila e a professora Rosália Sampaio.



José Hamilton Maciel Silva  
(Portal Infonet, 2006)

Para além de ocupações com a vida estudantil, o foco de procurar ofícios voluntariamente em Pão-de-açúcar também é algo marcante na trajetória e transição para a adolescência de Hamilton, trabalhou então em busca de experiências no cartório da cidade, numa loja de tecidos e até mesmo como auxiliar de alfaiate para seu padrinho, buscando ser útil e com a preocupação de aprimorar suas habilidades.

Após o primário existia o desafio na admissão no ginásio ou então conhecido por ensino científico, havia a realização de uma prova em formato de concurso. O início dessa etapa acadêmica para Hamilton foi no Ginásio D. Antônio Brandão em Pão-de-açúcar, porém, com a transferência de seu pai para atuar como funcionário em Maceió houve a necessidade da realização de uma nova prova em decorrência dessa mudança e a aprovação ocorreu em um dos melhores colégios, como bolsista integral no Colégio Guido Fontgalland, o governo dava a oportunidade desse incentivo com a única preocupação do aluno ser a aprovação direta em todas as disciplinas, deste modo a renovação da condição de bolsista já estava garantida.

Hamilton Maciel pode ser descrito como inerente à cultura, política, jornais, leituras e ao conhecimento como fonte de uma vida com o propósito pautado no saber, confessando que suas disciplinas de maior preferência eram história e biologia, já matemática não era seu forte. No ensino secundário, era comum que houvesse o interesse em adentrar em cursinhos particulares preparatórios para um melhor desempenho ao prestar vestibular, e com esse auxílio foi possível estudar visando o curso de medicina. Atuante também ao grupo de grêmio estudantil e por seu destaque foi escolhido como orador de sua turma na festa de conclusão do científico.

Sua criação contou com a religião mesmo na dicotomia de costumes pois metade de sua família era católica e do outro lado havia então costumes protestantes, sua pretensão de seguimento religioso era de maior proximidade com o catolicismo e desse modo buscava ser atuante na igreja mais do que apenas uma pessoa que visitava as missas. Atuou como coroinha, lia os textos da missa em latim e trechos desses textos ainda se mantêm vivos em sua memória.

As pretensões de vida para o sucesso de um indivíduo no século XX eram voltadas para três profissões em especial, eram elas: Padre, médico ou juiz. Em primeiro momento por influência da igreja católica José Hamilton pensara em ser padre ajudando as pessoas por meio de um ministério que se voltasse a um serviço integral de cuidado ao outro. Porém, ao chegar sua adolescência seus quereres se tornaram outros, o ofício de ser religioso o impediria de

casar-se um dia e de formar sua própria família, reconhecendo essa dificuldade decide então que não estaria pronto para essa integralidade que precisaria ser levada muito a sério.

Decidiu que trocava de pretensão já que a primeira opção como padre não era mais de seu agrado pleno, com a intenção ainda de servir em sacerdócio ocorre a mudança em sua visão de futuro se voltando para a medicina, e foi assim que houve o preparo em seu ensino secundário em um curso particular com professores de muita qualidade e reconhecimento na época, seguiu nesse meio enviesado nas fortes raízes que desde muito pequeno recebera de seu pai Milton.

Após a conclusão de sua etapa no curso científico e certo de que cursaria medicina, Hamilton se dirigiu ao local de prova de seu vestibular e pelo caminho encontrou um colega seu de sua antiga turma, desse encontro surge um questionamento levantado por esse colega sobre a certeza de que estariam eles prontos para cursar medicina e se conseguiriam mesmo atingir a aprovação pra o curso. A solução encontrada por ambos naquele momento é que trocariam a área de seguimento para atuarem na odontologia.

A aprovação em odontologia aconteceu e Hamilton ficou como segundo colocado na lista da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), mesmo não residindo mais em Pão-de-açúcar atuou na fundação da biblioteca municipal da cidade nomeada por Biblioteca Raquel de Queiroz em 1961, sendo nomeado como diretor em agosto do mesmo ano e permanecendo até fevereiro de 1962. Ainda conciliando esses trabalhos secundários com suas aulas na universidade contribuiu para a fundação do jornal A Crítica, escrevendo sobre política e cultura, militando pelo projeto nacional de reforma de base no governo de João Goulart, levando consigo igualmente essa interação com a mídia e a escrita em assuntos relevantes para Maceió.

Formou-se em odontologia no ano de 1964 e atuou como cirurgião-dentista na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, mesmo trabalhando em sua área de formação a sensação de incompletude era vigente e a inquietação surge na trajetória de Hamilton para que ele pudesse fazer sua segunda graduação no âmbito que queria desde sua adolescência, a medicina. Dessa forma decide ingressar novamente na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), para então poder estudar medicina, nesses anos da segunda graduação conciliou o sua vida como dentista e a descrição desse período por Hamilton Maciel é de que foi necessária muita determinação, com a visão de que o trajeto na formação em medicina foi custeado de modo tranquilo graças a possibilidade de sua independência financeira por seu trabalho e clientes

fixos na odontologia, ou seja, o que parecia um desvio em seu objetivo se tornou parte importante para que pudesse tudo ser alcançado no melhor momento.

Mesmo tendo como ocupações principais seu trabalho e sua graduação, Hamilton não deixava de lado suas lutas como militante político ou seu dever em se engajar socialmente, se juntou então a um movimento fundado por Felipe Tiago Gomes que previa a possibilidade de incentivar a carreira de jovens nordestinos através da educação, lecionou para o Colégio São Luiz as disciplinas de história e inglês, fazendo parte da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos que após um tempo passa a se chamar Campanha Nacional de Escolas da Comunidade.

Formado em medicina em 1971 com o objetivo preciso de caminhar como psiquiatra, Hamilton se especializa no Curso Nacional de Psiquiatria e recebe o título de especialista em psiquiatria pela Associação Brasileira e sua homologação por meio do Conselho Federal de Medicina. Trabalhou na Casa de Saúde Miguel Couto e no Hospital Portugal Ramalho.

A busca pela renovação de seu conhecimento o levava a estar participando ativamente de congressos nacionais e mundiais em sua área de especialização, não tão somente com ouvinte, sendo contribuinte de bancas examinadoras e um comunicador de seus trabalhos.

Em 1972 recebe uma indicação ao governador do Estado de Sergipe e o convite de um amigo para mudar-se para Aracaju, como diretor do Hospital Adauto Botelho. Esse convite foi feito em detrimento do reconhecimento de sua capacidade de gestão, inovação, atuação séria e humanizada na área de doenças mentais e seus tratamentos devidos, que por um longo período de tempo no Brasil e em especial Sergipe foi pouco explorada, investida e observada.

Ao ser nomeado diretor encontra o hospital em um estado de decadência, sua primeira iniciativa então foi compreender e estudar sobre a estrutura de funcionamento para começar as mudanças, reúne uma equipe de médicos para o desenvolvimento desse trabalho de levantamento e cria um centro de estudos para incentivar aos que estavam fazendo parte da equipe, contando também com estagiários do curso de medicina da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e após suas contribuições termina sua gestão no Adauto Botelho em agosto de 1973.

Se especializa em Hipnologia Médica pela Confederação Brasileira de Hipnologia, fundando a Sociedade Sergipe de Hipnologia. Em 1974 devido ao reconhecimento de seus trabalhos assume a Coordenadoria de Plano de Saúde Mental do Estado de Sergipe e funda um dos grupos mais importantes atuantes no meio civil, o Alcoólicos Anônimos. No ano seguinte

concorre ao preenchimento de uma vaga como auxiliar de ensino na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e inicia desse modo sua carreira de docente em serviço da Universidade.

As honrarias a José Hamilton são atribuídas ao mérito de seu trabalho árduo em prol da sociedade sergipana, recebe o título de Membro do Conselho Penitenciário do Estado de Sergipe, presidente da Sociedade Médica de Sergipe- SOMESE, presidente do Conselho Regional de Medicina de Sergipe, presidente da Associação Sergipana de Psiquiatria, vice-presidente da Associação Médica Brasileira, vice-presidente da Confederação Brasileira de Hipnologia, vice-presidente Associação Brasileira da Infância e do Adolescente, conselheiro do Conselho Federal de Medicina e parte da equipe que compôs o anteprojeto do Código de Ética Brasileira, participou da fundação da Academia Sergipana de Medicina e foi secretário de Estado da Saúde.

Recebeu o título de Cidadão Aracajuano pela Câmara Municipal de Aracaju e o título de Cidadão Sergipano pela Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe. José Hamilton Maciel Silva traz consigo a inspiração e a sede do saber, a humanização de seu olhar para a psiquiatria foi um divisor de águas na história da saúde mental em Sergipe. E uma de suas frases no livro de Luiz Garcia deixa um retrato auto descritivo sobre quem é o médico Hamilton Maciel, que diz “Aliviar a dor sempre, curar quando possível, mas nunca deixar de tentar”.

### **3- A Clínica de Repouso São Marcello**

Uma Clínica de Repouso foi a materialização de um sonho de José Hamilton Maciel Silva, desde que se propôs a ser um servidor em prol de trabalhos sociais quando escolheu por vocação a medicina e sua especialização psiquiatria e a definição do profissional da saúde mental reverberava na possibilidade de ter em mãos o poder de observar, estudar e de tratar aquele que o procura. Antes de se mudar para Sergipe o plano de uma Clínica era vivo na mente de Hamilton e mais quatro amigos, porém esses amigos seguiram seus caminhos em áreas distintas da psiquiatria, mudando-se para Aracaju houve a tentativa de apoio ao buscar os médicos Rosauro Luna Torre e Roberto Carvalho Lima e mais uma vez não obteve sucesso.

Dentre tantos papéis desempenhados na história da saúde de Sergipe, Hamilton Maciel tem a felicidade de ser contemplado com a realização de sua tão ansiada Clínica pela implementação do programa FAS- Fundo de Assistência Social da Caixa Econômica Federal, elaborando a Clínica com apressos aos mínimos detalhes e disposto a enfrentar quaisquer desafios que surgissem em seu caminho rumo ao objetivo final. Os hospitais públicos da cidade

ofereciam um tratamento que por vezes não cumpria com a ética profissional, José Hamilton ao participar da gestão do Adauto Botelho pode perceber a série de dificuldades e o principal problema que rege o cenário de renovação que o mesmo propunha, era a falta de preocupação e humanização com os pacientes nos hospitais.

A funcionalidade de sua Clínica particular era agregar inovação ao atendimento dos mais variados casos, humanização, proatividade, desenvolvimento de estudos, aplicação de tratamentos mais eficazes para evitar uma excessividade de tempo de internalização, para o caso das internalizações uma rotina para aquele paciente que não o deixasse inerte, mas sim, num tratamento que recebe mais ludicidade.

Ao lado de sua esposa Maria Glória Maciel Silva e seus filhos, de outros médicos e profissionais de psiquiatria, psicologia e enfermagem de sua família que após a fundação da clínica se somaram à equipe, em 1976 Hamilton Maciel fundou a Clínica Pinel de Sergipe, homenageando um dos médicos mais famosos na psiquiatria e reconhecido pela defesa do “Tratamento moral” aos determinados como loucos, localizada na rua Itabaianinha, nº 137, conjunto 104, Edifício Aliança. Os principais serviços prestados eram na forma ambulatorial e emergencial, ofereciam os regimes de semi-internação e de internação. Mais uma vez como grande incentivador dos caminhos da aprendizagem Hamilton Maciel manteve a clínica como ambiente de estudo e desenvolvimento da medicina psiquiátrica, psicologia e neurologia.

Em 14 de julho de 1979, a Clínica Pinel de Sergipe se modifica para a Clínica de Repouso São Marcello. Essa modificação aconteceu na infraestrutura e na ampliação das instalações da clínica que é localizada até o presente momento na Avenida Visconde Maracaju, sua inauguração foi motivo de orgulho para as entidades governamentais de Sergipe e mais uma realização para José Hamilton.

# **Clinica Inaugura-se Hoje**

Será inaugurada às 17:30 horas de hoje a Clínica de Repouso São Marcelo uma das mais modernas clínicas do Nordeste, destinada a pacientes portadores de doenças mentais, toxicomanos e para próprio repouso.

De propriedade do Dr. José Hamilton Maciel, a Clínica de Repouso São Marcelo, está localizada na Av. Visconde de Maracaju e as suas instalações são bem modernas, integradas por quatro prédios distintos, com consultórios, apartamentos, enfermaria além de área de lazer, com concha acustica, uma piscina a ser construída e grande área arborizada.

Gazeta de Sergipe, 14/07/1979 em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br>

A referência ao São Marcelo traz a história de um Papa que foi perseguido e reconhecido como mártir, resgatando uma continuidade de afeto especial pela igreja católica, fé professada por José Hamilton em sua infância e de lugar importante em seu coração.

Agora próximo ao quadragésimo quarto aniversário, a Clínica de Repouso São Marcello possui conquistas importantes em sua trajetória a serem comemoradas pelo papel prestado com excelência à sociedade sergipana. Desde sua fundação ainda como nome de Clínica Pinel os valores principais a serem zelados foram de proporcionar o melhor padrão em atendimento aos pacientes seja eles provenientes de planos particulares ou de convênio com o Estado, buscando o tratamento igualitário conforme as especificidades de cada paciente.

Os estudos constantes e participações em eventos sobre psiquiatria, agregam a toda equipe da Clínica por representar uma constante busca por melhorias e excelência com os avanços de tratamento e terapias desenvolvidas para os pacientes. O destaque pela ética e o zelo pelo serviço que Hamilton Maciel transmite se mostra desde o ambiente da Clínica até a escolha de uma equipe capacitada e proativa.

Quando acessamos em nossa mente a figura de um ambiente que desenvolva o atendimento psiquiátrico somos remetidos a cores brancas, ambiente fechado e insalubre, gritos de dor, perigo, melancolia, maus tratos e encarceramento. Na realidade não se encontra nada disso, numa visita feita à São Marcello se observa a recepção de colaboradores que acolhem e um ambiente aberto com muita natureza, pinturas coloridas em suas paredes, ações de conscientização sobre a importância de refletir o cuidado da saúde mental, se realiza festas temáticas, apresentações na área do teatro, atrações musicais promovidas em conjunto com as

igrejas ou associações, a clínica possui também o espaço de salão de beleza, cinema e sala de lazer, retirando o peso que fomos levados a construir por memórias de uma história de descaso ou por arquétipos por meio de filmes, séries ou livros.

Os serviços oferecidos são de consultas médico-psiquiátricas, consultas psicológicas, internação, exames para emissão de laudos e exames periciais. Contando com uma equipe ampla formada por médicos psiquiatras, psicólogos, enfermeiros, assistente social, terapeutas ocupacionais, nutricionistas, administração e colaboradores de outros serviços essenciais para manutenção do prédio e sua funcionalidade.

O legado da Clínica de Repouso São Marcello é de muita luta, serviços a sociedade, renovação em tratamentos que evitam inclusive internações e promovem integração social, humanização com funcionários e pacientes, proporcionando para seu fundador Hamilton Maciel muito orgulho da mesma como uma de suas principais conquistas de vida e para o povo Sergipano a gratidão de termos esse espaço moderno e reconhecido como uma referência.

### **Considerações Finais**

Em síntese podemos analisar os caminhos tortuosos que a medicina psiquiátrica enfrentou e no momento vivido colhe seus frutos de avanços e dedicação a resoluções com um viés humanizado para tratamentos. O tema de saúde mental é de grande importância e a compreensão dos caminhos para que houvesse uma revolução só foi possível pela luta de médicos que não se deixaram levar apenas por seus títulos de respeito por representarem poder social, e sim utilizaram de sua influência para questionar uma estrutura e construir novos cenários.

Os obstáculos em que Sergipe foi palco, constantemente receberam tentativas de resoluções quem em primeiro momento tem seu destaque para Eronides Carvalho e a fundação do primeiro Hospital Colônia Eronides Carvalho, em sequência o destaque para Garcia Moreno com o Hospital Aduato Botelho e na década de 70 marcada pela luta antimanicomial, a participação de José Hamilton Maciel Silva na tentativa de estruturar e trazer melhorias para o Hospital que estava em sucateamento.

Dentre muitas atribuições sobre a contribuição de Hamilton Maciel com seu objetivo de servir a sociedade em especial com a medicina de Sergipe, podemos enfatizar a fundação

da Clínica de Repouso São Marcello e seu legado de crescimento institucional análogo às inovações psiquiátricas que proporcionaram a Sergipe o reconhecimento em excelência no tratamento de seus doentes mentais.

A perspectiva desse artigo consiste em apresentar as dificuldades enfrentadas pela constituição da inserção do saber psiquiátrico na sociedade, os conflitos vivenciados por meio da politização dos espaços públicos que deveriam ser de tratamento e receberam apenas seu desmonte de infraestrutura. Destacando a função de uma iniciativa privada com a fundação da Clínica de Repouso São Marcello com o seu diferencial em cuidar com igualdade de seus pacientes e reinseri-los socialmente. A pretensão de uma pesquisa e escrita futura se encaminha para a história unicamente da Clínica de Repouso São Marcello com detalhes mais aprofundados.

## Referências

CRUZ, João Paulo Pinto. A loucura tem história: o hospital-colônia em Aracaju (1940 – 1941). Disponível em: <https://www.polbr.med.br/2021/02/01/a-loucura-tem-historia-o-hospital-colonia-em-aracaju-1940-1941/>. Acesso em: 22/04/2023.

FOUCAULT, Michel. História da loucura: na idade clássica. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. Microfísica do poder. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GARCIA, Luiz. Coleção personalidades sergipanas: José Hamilton Maciel Silva. Vol.2. Aracaju: Luiz Antonio Barreto. 2010.

GUIMARÃES, Ingrid Soledade. A loucura na cidade: 30 anos da Reforma Psiquiátrica e 17 anos da lei antimanicomial no Brasil. São Cristóvão- SE, 2018. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10105/2/INGRID\\_SOLEDADA\\_GUIMARAES.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10105/2/INGRID_SOLEDADA_GUIMARAES.pdf). Acesso em: 22/04/2023.

OLIVEIRA, J. A. M., PASSOS, E. A implicação de serviços de saúde mental no processo de desinstitucionalização da loucura em Sergipe. Vivência (Natal). v.1, p.259 - 275, 2007. Disponível em: <http://ole.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2022/02/texto88.pdf> Acesso em: 29/04/2023

PAIXÃO, Gabriela Silva. Potencialidades da justiça restaurativa para a instauração de uma nova lógica na custódia psiquiátrico-penal: reflexões a partir de pesquisa empírica na unidade de custódia psiquiátrica de Sergipe. São Cristóvão- SE. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/17259/2/GABRIELA\\_SILVA\\_PAIXAO.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/17259/2/GABRIELA_SILVA_PAIXAO.pdf). Acesso em: 27/04/2023

PAULIN, L. F. e TURATO, E. R.: ‘Antecedentes da reforma psiquiátrica no Brasil: as contradições dos anos 1970’. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. 11(2): 241-58, maio-ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/D9pDGYcrYXDJ7ySYkLyRkpt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22/04/2023.

SAMARONE, Antonio. Hospício de Sergipe. Disponível em: <https://blogdesamarone.blogspot.com/2019/07/hospicio-de-sergipe.html>. Acesso em: 29/04/2023

SAMARONE, Antonio. Memórias dos manicômios sergipanos - o Adauto botelho. Disponível em: <https://blogdesamarone.blogspot.com/2021/01/memorias-dos-manicomios-sergipanos-o.html>. Acesso em: 29/04/2023

SAMARONE, Antonio. Primeiro hospital psiquiátrico de Sergipe. Disponível em: <https://blogdesamarone.blogspot.com/2016/05/primeiro-hospital-psiquiatrico-de.html>. Acesso em: 29/04/2023

VENANCIO, Ana Teresa A. Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, supl.1, dez. 2011, p.35-52. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/D5gMkby7WBssxYZr7MgwxZS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22/04/2023.